PLACAR
Editora Abril
AGOSTO/91
Cr$ 900,00
SÉRIE GRANDES ÍDOLOS
4
BEBETO
A grande arma do
Vasco para o
Campeonato Carioca
Na entrevista:
"Falcão e Lazaroni
sabem como
queimar jogadores"
Mais um superposter
para a sua coleção

O MENINO CRESCEU

Aos 27 anos, o craque garante que a má fase acabou e os vascaínos verão todo o seu futebol no Campeonato Carioca

Por MARTHA ESTEVES

A idéia surgiu pela primeira vez numa noite fria em Teresópolis. Concentrado com a Seleção Brasileira que disputaria dias depois a Copa América, no Chile, Bebeto temia por seu futuro no time de Paulo Roberto Falcão. Assim que percebeu em Porto Alegre, na última etapa de treinamentos, que não faria parte do time principal, resolveu tomar uma atitude inesperada: pediu dispensa e deixou a Seleção sem olhar para trás. "Nem dei ouvidos ao apelo de minha mulher Denise", conta. "Nunca me senti tão seguro ao tomar uma decisão."

Mais do que abrir mão de vestir a camisa amarela, Bebeto resolveu dar uma guinada na carreira, sempre marcada por pequenas contusões e alguns problemas psicológicos — há seis anos, o craque se abateu profundamente com a morte do irmão Roberto Nílton. Cansado de ouvir pelos cantos que ainda é um menino apesar dos 27 anos, ele jura que amadureceu o suficiente para enfim brilhar no Vasco. Conquistar um campeonato estadual em São Januário é sua próxima meta. Bebeto sabe que este título vai apagar de vez as críticas feitas por alguns vascaínos: ser apenas um rubro-negro a serviço do Vasco. "Estou com a cabeça e o corpo em dia", garante. "Tenho certeza que a má fase já acabou."

A atitude polêmica de abdicar da Seleção Brasileira mostra um Bebeto confiante e determinado. Toda esta segurança parece ter chegado junto com o nascimento da filha Stephanie, em junho. Ao lado do irmão de 2 anos, Roberto Nílton, ela enche de alegria a mansão de cinco quartos na Barra da Tijuca. "Nunca fomos tão felizes", comprova Denise. A harmonia familiar garantiu a Bebeto a atual postura madura. O menino cresceu. Treinando exaustivamente em São Januário, ele já parece totalmente integrado ao universo vascaíno. "Sua dedicação é prova de profissionalismo", elogia o técnico Antônio Lopes.

Bebeto é a esperança de gols em São Januário

ARI GOMES

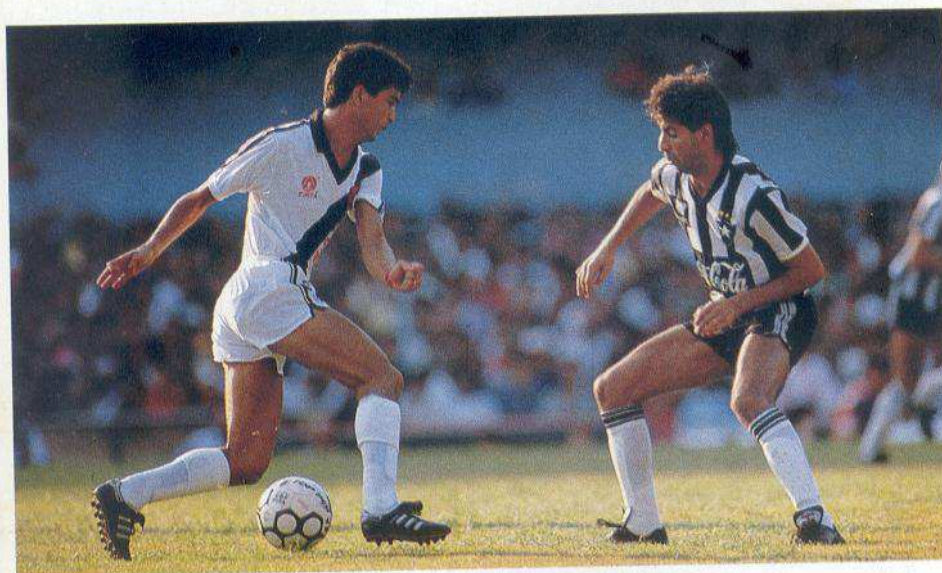
Os torcedores também sabem disso. Alçado definitivamente ao posto de ídolo do time — ao lado de Bismarck —, Bebeto tenta retribuir em dobro tanto crédito. Sempre cercado de pequenos torcedores de todos os times, o craque dedica toda a atenção aos fãs. A desconfiança de outros tempos foi colocada de lado. Os olhares atravessados também estão esquecidos. Depois de viver um pesadelo ao tornar-se pivô da discórdia entre os rivais rubro-negros e vascaínos — chegou a sofrer ameaças de torcedores —, Bebeto superou tudo com o título brasileiro de 1989. Mas ele ainda acha pouco. Exigente, quer dar muito mais aos torcedores. "Quero ver todos felizes como eu", exagera.

Mesmo sem conseguir prever seu futuro na Seleção, o craque só não quer ser esquecido pela CBF. É certo apenas que, enquanto o técnico Paulo Roberto Falcão estiver no comando, Bebeto não pretende voltar a vestir a camisa amarela. "Seria realmente impossível tentar retomar um relacionamento sem desconfiança", considera. O atacante talvez nem tenha percebido, mas seu atrito com Falcão foi conseqüência da decepção sofrida na Copa do Mundo, no ano passado. Preterido pelo amigo Lazaroni, Bebeto não agüentaria nova frustração, desta vez na Copa América.

Assim, as baterias estão mesmo voltadas para São Januário, onde quer fincar raízes. Os planos de jogar na Europa foram adiados e tamanha dedicação já começou a lhe render frutos, como um portentoso cavalo manga-larga marchador, ganho de presente de um conselheiro do clube. "Esse reconhecimento é que me motiva, e não as críticas dos in-

ORLANDO KISSNER

RICARDO CORRÊA

É SÓ O INÍCIO
Motivado e sem medo de se contundir, o atacante quer barrar a série de campeonatos do Botafogo e dar mais uma alegria aos torcedores — afinal, a conquista do Brasileiro de 1989, contra o São Paulo, ainda foi pouco para o craque

ARI GOMES

vejosos'', fuzila. Os próprios companheiros apostam suas fichas no novo Bebeto. ''Jogar ao lado dele facilita o trabalho de qualquer um'', festeja o meia Bismarck.

Para quem assiste com indisfarçável fascínio a esta transformação do jovem craque num homem maduro e adulto, fica evidente que a estrela do jogador aumentou seu brilho. Se a chance de se destacar na Copa América ficou para trás, o Campeonato Carioca será o palco para a prometida performance do habilidoso atacante. Bom para os torcedores vascaínos, melhor ainda para o clube, de que Bebeto aprendeu a gostar ainda garoto por intermédio do avô paterno profeticamente batizado Vasco da Gama.

ORLANDO KISSNER

Gols no Vasco

Os críticos do atacante não cansam de calcular quanto custa cada gol de Bebeto aos cofres vascaínos. A intenção é sempre mostrar que sua trajetória em São Januário parece inferior à de quando atuava no Flamengo. Uma meia verdade, pois, apesar das lesões musculares, ele marcou 23 gols em 73 partidas com a camisa de seu clube atual — uma média de um gol a cada três jogos. Para quem seguidamente tem perdido o ritmo de jogo por causa das paradas no departamento médico, o desempenho é melhor do que o de muitos outros atacantes.

ARI GOMES

De alma lavada

Pressionado pela torcida que o venerava — chamado de "chorão" pelos rubro-negros —, o craque se vingou no dia 15 de abril de 1990, quando marcou um lindo gol sobre seu ex-clube. O drible sobre o zagueiro André Cruz foi apelidado pelo colunista Sérgio Cabral de "dois pra lá, dois pra cá".

ELE FAZ A FESTA DO MARACANÃ

O resultado de seus gols: ontem ídolo do Flamengo e vilão do Vasco; hoje, amado pelos vascaínos e odiado pelos rubro-negros

Quando chegou ao Flamengo, em 1983, o franzino Bebeto trouxe na sua bagagem o orgulho de ser comparado a um novo Zico. De talento e físico parecidos, o pequeno baiano de Salvador José Roberto Gama de Oliveira era considerado frágil e precisou de um trabalho especial para aumentar suas medidas. Na época, o garoto mostrava-se arredio aos métodos do preparador José Roberto Francalacci — o mesmo que reforçou o físico de Zico — e não seguiu as orientações à risca. Resultado: o menino de 19 anos precisou ser convencido de que apenas seu futebol requintado não o deixaria de pé diante da marcação de um zagueiro mais viril.

Comprado ao Vitória da Bahia, onde já atuava entre os profissionais, Bebeto precisou também do apoio da numerosa família, que se mudou para o Rio de Janeiro para tranqüilizar o sensível jogador. Depois de aumentar a musculatura e engordar dez importantes quilos durante dezessete exaustivos meses, o garoto começou finalmente a brilhar. Evitando sempre qualquer comparação com o ídolo Zico, mesmo assim, não hesitava em imitá-lo na perfeita distribuição das jogadas, nas arrancadas e nos dribles. Tanto esforço valeu a pena. Quando o Galinho se transferiu para o futebol italiano, Bebeto foi alçado imediatamente ao posto de ídolo rubro-negro, ganhando o Carioca de 1986 e a Copa União de 1987.

A lua-de-mel só terminou em 28 de julho de 1989, quando, num golpe de mestre, a diretoria vascaína tirou o astro da Gávea. O Flamengo até pode ter lucrado com a venda de Bebeto, já que o comprou por cerca de 60 mil dólares e recebeu do Vasco mais de 1,7 milhão de dólares. O estrago provocado na alma rubro-negra, porém, parece ser incalculável. O atacante tornou-se rapidamente ídolo da torcida em São Januário e o título brasileiro de 1989 foi a retribuição do jogador ao fabuloso salário de cerca de 50 mil dólares. Os problemas musculares atrapalharam seu desempenho no ano passado e o perseguiram também no último campeonato nacional. Agora, completamente recuperado, ele só quer retomar a seqüência de jogos, indispensável para o desenvolvimento de seu grande futebol.

O PEQUENO ÍDOLO DO VITÓRIA

HIPÓLITO PEREIRA/CORREIO DA BAHIA

Ainda com idade de júnior, o então meia Bebeto jogou algumas partidas no time principal do Vitória

NELSON COELHO

No Vasco, Bebeto trata de fazer jus ao salário de 50 mil dólares: o título brasileiro de 1989 foi a primeira retribuição

SEGUINDO OS PASSOS DE ZICO

ARI GOMES

Campeão carioca de 1986 e da Copa União de 1987, ele se fixou no ataque e brilhou na Gávea

O CRAQUE MOSTRA AS SUAS ARMAS

Com a coragem de quem não se arrepende de ter desistido da Seleção Brasileira, o artilheiro do Vasco fala de seu futuro no clube e de suas decepções com a camisa verde-amarela

PLACAR — *Como fica seu futuro na Seleção se Falcão for mantido no cargo até a Copa?*
BEBETO — Com ele fica impossível voltar a trabalhar. Vou esperar pela sua saída e mostrar em campo que ainda posso ser útil à Seleção.

PLACAR — *É sua intenção ajudar a derrubá-lo?*
BEBETO — Não estou preocupado em derrubar ninguém, mas é claro que ele sofre um desgaste ao me perder. A culpa, porém, é toda dele.

PLACAR — *O que você achou da Seleção Brasileira na Copa América?*
BEBETO — Fiquei muito triste ao assistir a jogos tão medíocres. Quero acreditar que este entrosamento foi por falta de treinamento.

PLACAR — *Existe alguma semelhança entre Falcão e Lazaroni?*
BEBETO — O Lazaroni é mais experiente e já ganhou inúmeros títulos, enquanto Falcão é tão novato que não dá nem para avaliar seu trabalho.

PLACAR — *A semelhança não estaria na decepção que ambos lhe deram?*
BEBETO — Exatamente. O Lazaroni foi mais sacana porque vivia dentro da minha casa e sempre dizia que eu iria arrebentar na Copa para depois só me deixar jogar 5 minutos. O Falcão sequer me deu uma chance, mesmo vendo o quanto estava indo bem nos treinamentos. Os dois técnicos realmente são muito parecidos quando o assunto é queimar um jogador.

PLACAR — *Ao desistir da Seleção, você acha que acabou de vez com sua imagem de chorão?*
BEBETO — Quero ver outro jogador ter a mesma coragem que eu tive. Todos reclamam muito, mas só pelos corredores. Minha atitude foi de um homem decidido e maduro.

PLACAR — *Em algum momento você se arrependeu de sua decisão?*
BEBETO — De jeito nenhum. Estaria muito infeliz se estivesse numa Seleção tão desencontrada como a atual.

PLACAR — *O que você achou da declaração de Falcão à imprensa, admitindo a falta que você fazia à Seleção?*

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

"Falcão e Lazaroni são muito parecidos quando o assunto é queimar jogadores. Não me arrependo de nada do que fiz"

BEBETO — Não acreditei em uma vírgula. É claro que ele percebeu que tinha feito um péssimo negócio ao não me dar uma chance e tentou se desculpar com falsas palavras.

PLACAR — *Como você reagiu ao saber das críticas de Careca, do Atalanta, sobre sua decisão de abandonar a Seleção?*
BEBETO — Ele mal chegou à Seleção e já demonstra ter um caráter duvidoso. Empolgado por ter sido convocado, acabou falando muita bobagem e desrespeitando uma decisão com que ele não tinha nada a ver.

PLACAR — *É verdade que você não toma decisão alguma sem consultar seu procurador, o empresário José Morais?*
BEBETO — Quem decide sobre o que fazer da minha vida sou eu mesmo. As pessoas insinuam que eu não dou um passo sem consultar meu procurador ou minha mulher. Isto é um absurdo completo.

PLACAR — *Então José Morais não ligou para Falcão, exigindo a sua escalação no time titular?*
BEBETO — Não sei nada sobre isso. Ele inclusive me pediu para ficar na Seleção, mas o convenci de que é muito fácil falar quando se está de fora. E ele acabou aceitando meu argumento.

PLACAR — *Acabou o sonho de se transferir para o futebol europeu?*
BEBETO — Gosto muito do Vasco e especialmente de morar no Rio de Janeiro. Recusei recentemente uma excelente proposta do Borussia, da Alemanha, porque quero ficar em São Januário pelo menos até o final do meu contrato, em setembro.

PLACAR — *Você está realmente curado de todos os problemas musculares?*
BEBETO — Claro que sim. Estou pronto para voltar ao Vasco e arrebentar.

PLACAR — *Quais são seus planos para o futuro?*
BEBETO — Primeiro quero ganhar um título estadual pelo Vasco. Depois pretendo jogar três anos na Europa, juntar um bom dinheiro, fazer minha independência financeira e encerrar a carreira.

PLACAR — *O que você fará depois disso?*
BEBETO — Vou estudar Administração de Empresas e cuidar de meus negócios.

ARI GOMES

O SHOW NA COPA AMÉRICA DE 1989
Na mesma competição que este ano se recusou a jogar, Bebeto foi destaque e artilheiro no Brasil

AGONIA E GLÓRIA

Uma trajetória que alternou passagens brilhantes e grandes decepções

Bastou uma conversa com o treinador Aimoré Moreira para que o técnico da Seleção Brasileira júnior, Jair Pereira, convocasse um talentoso garoto baiano — sem jamais tê-lo visto jogar — para o Sul-Americano de 1983, na Bolívia. E não houve motivo para arrependimento. Campeão e destaque da competição, Bebeto garantiu lugar no time para o Mundial da categoria, seis meses depois, no México. Ao lado de uma geração habilidosa que ainda tinha Geovani, Jorginho, Aloísio e Dunga, o atacante chegou ao título. Dois anos mais tarde, seria chamado pela primeira vez para a Seleção principal, que o treinador Evaristo de Macedo preparava para as eliminatórias. Seu sonho de voltar ao México na Copa de 1986 foi barrado pelo técnico Telê Santana. Refeito da decepção, Bebeto reapareceu bem com a camisa amarela ao vencer o torneio pré-olímpico, em 1987, e chegar à medalha de prata em Seul, no ano seguinte.

A Copa América de 1989, no Brasil, foi, no entanto, o ponto alto da participação de Bebeto na Seleção. Artilheiro do torneio com seis gols, ele chegou a ser apontado pela revista inglesa *World Soccer* como o melhor jogador das Américas e o terceiro melhor do mundo. "Fiquei todo arrepiado com a notícia", recorda ainda orgulhoso. Com a vaga assegurada para o Mundial de 1990, outra desilusão: o técnico Lazaroni só o deixou jogar 5 minutos na partida contra a Costa Rica. "Jamais vou esquecer o quanto ele me fez sofrer", diz ainda bastante magoado com o ex-amigo. Calejado pelas frustrações, Bebeto decidiu não arriscar e pediu dispensa, em julho, da Seleção Brasileira que disputaria a Copa América, no Chile.

RODOLPHO MARTINELLI

PEDRO MARTINELLI

PEDRO MARTINELLI

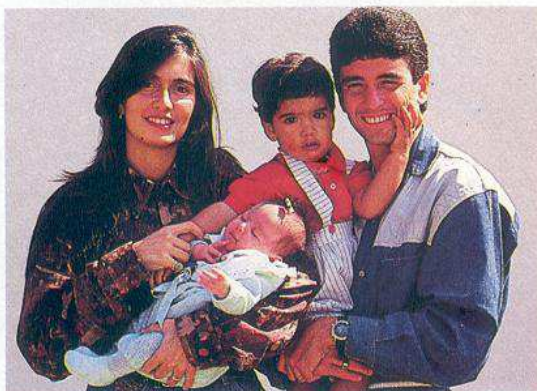
CAMINHO ATÉ A COPA DO MUNDO
O Mundial júnior de 1983 e a Olimpíada de Seul (*acima*) foram passagens felizes de um jogador que teve apenas 5 minutos para jogar na Copa de 1990 (*ao lado*)

FICHA

Faixa do campo em que atua com mais freqüência

Idade: 27 anos (16/02/64)
Posição: atacante
Altura: 1,74 m
Peso: 64 kg
Características: Rápido e habilidoso, sua maior qualidade está na conclusão das jogadas de ataque, tanto com cabeçadas precisas quanto com chutes muito bem colocados

FORA DE CAMPO

Quando não está trabalhando, Bebeto gasta todo o seu tempo em casa, curtindo os primeiros passos do filho Roberto Nílton com uma pequena bola de futebol ou acompanhando o crescimento da filha Stephanie. Seu programa preferido é ser pai. Assim, procura ficar com as crianças sempre que pode, mesmo que esteja assistindo televisão ou ouvindo música, seus dois passatempos prediletos. Raramente, se isola na sua sala de troféus. ''Aqui é o meu cantinho preferido, onde venho buscar paz'', explica.

NILTON CLAUDINO

UM CRAQUE CASEIRO
Bebeto dedica todo o seu tempo livre para a mulher Denise e os filhos Roberto e Stephanie

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Reportagem: Paulo Coelho
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramação: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebástião Silva e Wander Roberto de Oliveira

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BEBETO
Vasco
FINTA

PLACAR

ORLANDO KISSNER

A FORÇA TOTAL DE
GILTON SANTE-Ú, C